



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v27n02/2019p70-91>

A BIBLIOTECA INTERIOR COMO PRÁTICA CONTEMPORÂNEA NO ENSINO DA LITERATURA

THE MENTAL LIBRARY AS A CONTEMPORARY PRACTICE THE TEACHING OF LITERATURE

Rosiane Xypas¹

Recebimento do texto: 05/07/2019

Data de aceite: 06/09/2019

RESUMO: Considerando a biblioteca íntima do leitor como uma apropriação singular, um espaço estruturante para o desenvolvimento da linguagem estética, procuramos elaborar dispositivos para o ensino de uma leitura literária que acolhe as emoções sentidas do sujeito-leitor. Desse modo, propomos reflexões sobre os posicionamentos subjetivos convenientes para solicitar aos alunos uma tomada de consciência de suas emoções sentidas durante o processo de apropriação da leitura de textos literários. Apoiando-nos em teorias contemporâneas sobre o ensino da Literatura, este artigo, apresenta uma análise qualitativa dos resultados de uma entrevista de explicitação da leitura das obras *Diário de um Banana* (2012) de Kinney e *Os Miseráveis* (2012) de Hugo, feitas por um jovem leitor do oitavo ano de uma escola particular do Recife. Resultados apontaram que a explicitação das emoções sentidas pelo sujeito-leitor esclarece atitudes leitoras antes ignoradas sobre o vivido da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação; Biblioteca interior; Dispositivos de ensino; Emoções sentidas; Formação do leitor literário.

ABSTRACT: Considering the mental library of the reader as a unique appropriation, a structuring space for the development of aesthetic language, we seek to elaborate devices for the teaching of a literary reading that embraces the emotions felt by the subject-reader. Thus, we propose reflections on the subjective propositions that are convenient for asking students to become aware of their emotions felt during the appropriation process of reading of literary texts. Drawing on contemporary theories about the teaching of literature, this paper presents a qualitative analysis of the results of an explicitation interview of the reading of the works *Diary of a Wimpy Kid* (2012) by Kinney and *Les Misérables* (2012) by Hugo, done by a young reader from the eighth grade of a private school in Recife. Results pointed out that the explicitation of the emotions felt by the subject-reader clarifies previously ignored reading attitudes about the reading experience.

KEYWORDS: Appropriation; Intimate library; Teaching devices; Felt emotions; Formation of the literary reader.

¹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora Adjunta de Letras-Francês (Licenciatura) na Graduação e da Pós-graduação PROFLETRAS e PPGE.





Introdução

O lugar dado à Literatura nos Programas escolares e universitários apontam as, escolhas políticas e ideológicas como reflexo dos valores sociais que a escola quer transmitir. Essa transmissão constrói a biblioteca interior (BI) através da apropriação do sujeito-leitor na leitura do texto literário, através da memória declarativa que estrutura o saber. A biblioteca interior existe pelos encontros com textos literários na vida e durante toda a escolaridade do aluno e cabe ao professor/mediador aguçar, instigar, incomodar, tornar curiosos e felizes participativos sujeitos-leitores no processo de suas apropriações literárias. Todavia, quais posicionamentos subjetivos convenientes podemos solicitar aos alunos para a tomada de consciência das emoções sentidas em seu processo de apropriação de leitura de textos literários?

Refletindo sobre a tomada de consciência da uma biblioteca íntima do leitor, entendemos que ela se faz com as leituras literárias que o martelam, leituras eleitas por eles como significativas. Segundo Louichon e Rouxel (2010, p. 10) o ensino da leitura literária deve passar “de uma lógica acumulativa para uma lógica associativa” na aprendizagem. Nosso papel na formação literária é mobilizar o aluno para essa lógica associativa, procurar saber o que acontece quando ele lê um livro. Assim, a biblioteca interior é construída pelo impacto da leitura no sujeito-leitor, impacto que é possível de ser demonstrado pelas sensações, impressões, emoções registradas pelo aluno.



A mobilização do aluno registrando suas próprias emoções, ou seja, as emoções que sentiu durante a leitura, podem, não apenas permitir a explicitação das lembranças do lido, mas renovar as experiências do vivido na leitura. Jouve (2012, p. 99) afirma que “na experiência estética, a emoção é um meio de discernir que propriedades uma obra possui e exprime. (...) é um índice que nos permite entender como a obra significa”, para o leitor.

Assim, nossa proposta é fomentar atitudes discentes que envolvam a escuta de si lendo, capacidades de capturar as repercussões no fluxo de sua leitura literária e que envolvam o falar sobre o lido. Fazer o aluno falar sobre sua biblioteca interior é fazê-lo se ver em um espelho, é fazê-lo ficar face a face consigo mesmo e com seu saber literário para a tomada de consciência de si como leitor literário. Ora, dispositivos de ensino que ajudem o aluno a se perceber melhor como sujeito-leitor fazem avançar no ensino da Literatura porque ampliam a visão do professor e do aluno sobre os saberes construídos com os textos literários lidos.

Nosso postulado é que a experiência interior do sujeito-leitor é superior à sua experiência exterior, até mesmo àquela de compartilhamento de uma obra lida entre seus pares na sala de aula. E entendemos por experiência interior tudo aquilo que releva da vida pública e privada do mundo daquele que lê. Xypas (2018, p. 40) afirma que “a ação professoral na acolhida das reações dos alunos na leitura como processo, da representação da Literatura como construto social e afetivo (...) facilita para o aluno a leitura do texto literário como resposta a si”. Resposta a si entendida como uma apropriação criativa vista como



processo, por projeção e identificação, por evocações de memórias latentes despertadas com um verso ou uma passagem narrativa lida, um jogo de corpo e voz em cena, por um testemunho de um leitor modificado em seu foro íntimo, entre outras.

Vale ressaltar que as marcas fixadas na memória podem ser representadas pela explicitação das emoções sentidas, pois elas são o que ficam em nós, quando todo o resto se vai. Entendemos por emoções sentidas, as emoções que o sujeito-leitor produz no ato de sua leitura. A importância dos estudos das emoções sentidas, diz Jouve (2012, p. 102) é que elas “nos esclarecem sobre a relação afetiva particular que (...) mantemos com uma ideia, um pensamento ou um objeto do mundo”.

Neste artigo, apresentamos as emoções sentidas de um aluno de 13 anos do oitavo ano de uma escola particular do Recife, sobre obras literárias que lhe marcaram. A metodologia utilizada é qualitativa e centrada no sujeito. Investigamos as emoções do aluno acima mencionado através da interpretação de sua atividade consciente que enfatiza os aspectos afetivos relacionados a algumas obras literárias lidas ano passado em 2018. Fizemos uma entrevista de explicitação (EE), baseando-nos na proposta de P. Vermersch (1994). A entrevista foi gravada no compartimento áudio dos nossos celulares. Quando falamos sobre o sigilo de sua identidade, o próprio aluno sugeriu um pseudônimo: Nobody que significa Ninguém, o personagem da Odisseia de Homero. Para descobrir o que está nas lembranças do jovem leitor, elaboramos a seguinte questão: quais livros te causam emoções, quais são essas emoções e por quê?



Para responder a pergunta acima, apoiamo-nos em conceitos de apropriação e de biblioteca interior apresentados à luz de teorias contemporâneas do ensino de Literatura. A utilização da entrevista de explicitação (EE) permitiu a descoberta da biblioteca interior do sujeito-leitor pelas falas sobre as leituras que o marcou em sua jovem vida. Por fim, resultados apontaram que a explicitação das emoções sentidas pelo sujeito-leitor esclarece atitudes leitoras antes ignoradas sobre o vivido da leitura.

1. O conceito de apropriação da obra literária pelo sujeito-leitor

A apropriação é tida como um processo, o que não destoa das inúmeras teorias da leitura com as quais já trabalhamos há anos. Optamos por empregar o termo apropriação ao invés de assimilação, memorização, recepção, pois segundo Bénédicte Shawky-Milcent (2016, p. 4-5) “o termo apropriação, oriundo da hermenêutica, designa o processo pelo qual o leitor se ampara em uma obra”.

O que nos chama atenção na afirmação da autora que acabamos de citar, é que ela apresenta no conceito de apropriação, o verbo amparar-se. Para nós, na atividade de leitura, quer dizer, *apoiar-se em, abandonar-se à, refugiar-se em* ações mentais conscientes ou inconscientes feitas pelo leitor. Assim, o verbo amparar-se é apropriado para nomear a apropriação da leitura. O estudo da apropriação repousa na memória de quem lê vista como lembrança, como recordação de fatos que foram, assim, acreditamos, significativos para que o recorda. Mas, uma recordação, uma



lembança do lido só podem ser ativadas se enquadradas em atividades que demandem sua manifestação. Evocar essas recordações é explicitar o implícito, é descobrir de que obras são compostas o íntimo do sujeito-leitor.

Segundo Davallon (2015, p. 22-23) para que “haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”. Concordamos com o autor que acabamos de citar e afirmamos que todo sujeito-leitor só guardará em sua memória o que lhe é significativo. Só assim ele é capaz de “lembrar um acontecimento ou um saber, se (...) o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade”. (2015, p. 23).

Assim, as lembranças das leituras literárias feitas são consideradas por nós como ecos intersubjetivos e não podemos ignorar, que são os ecos mais recônditos, mais profundos daquele que lê, repercussões nascidas, graças ao encontro com o lido, o visto, o ouvido, o sentido, ressignificando as leituras literárias. As lembranças ressignificam a leitura. E a memória do sujeito-leitor só pode ser ativada naturalmente e de modo ostensivo ou sutil se mobilizada na sala de aula.

A memória, espaço requisitado em nossa proposta de ensino, age como elástico, puxando e encolhendo as mais diversas lembranças daquilo que constrói o aluno. Amparar-se de uma obra literária é então, criar jogos na memória de curto e de longo prazo que formam a memória emocional para nos revestirmos, enquanto sujeitos-leitores de outras maneiras diante da vida social ou íntima no pós-contato com o texto. Porque sabemos que o que fica em nossa memória após a leitura é o que nos estrutura, é o que



nos ajuda na construção de nossa personalidade manifesta cuja nossa biblioteca interior serviria como um mediador apontando nosso estágio de aprendizagem.

Ora, o fato mesmo de ler é recheado de escolhas conscientes e muitas vezes, inconscientes. Assim, o leitor lê, concorda, discorda, separa, lembra, esquece, junta, separa, retoma, reler, relembra, reúne, dispersa elementos, partículas dele mesmo enquanto leitor em formação, fruto ou resultado de todas as leituras literárias feitas na sua vida. Uma leitura não elimina a outra, pelo contrário, cada leitura feita, acresce o leitor e seu mundo de modificações e significados novos graças às leituras precedentes, graças a sua BI.

A apropriação vista como processo pode ser contemplativa, coletiva ou criativa. Quanto à primeira, a contemplativa, ela se manifesta diante de uma obra de arte, quais sejam a da palavra, a escultura, a pintura, a música quando há impacto negativo ou positivo sobre aquele que o lê; a apropriação coletiva parte do princípio de que vários leitores lendo a mesma obra se apropriem, ora individualmente, ora coletivamente e/ou diferentemente uns dos outros, grande prova viva de que a polissemia de fato existe, e a apropriação criativa, que é aquela pela qual o sujeito-leitor liberando sua subjetividade deixa marcas objetivas de suas leituras subjetivas cada vez que ele lê.

Se temos evocado em outros trabalhos nossos, o termo de *leitura subjetiva* com insistência, é para chamar atenção daquele ensino tradicional em que se faz tudo em literatura, menos a leitura de seus



textos. Ora, cada leitura de textos literários contribui para a construção da biblioteca interior do sujeito-leitor.

2. Conceituando a biblioteca interior (BI) do sujeito-leitor

Pensando nos elementos para uma definição de biblioteca interior, Fourtanier (2010) apresenta três tipos possíveis de bibliotecas se apoiando no que dizem escritores literários, que segundo ela, são modelos próprios de construção da biblioteca interior. Ela apresenta tipos de bibliotecas que são: a biblioteca coletiva, biblioteca interior e biblioteca virtual.

A biblioteca coletiva apresentada como conjunto de todos os livros determinando uma certa cultura a um momento dado do sujeito; A biblioteca interior seria então este conjunto de livros, na verdade, subconjuntos oriundos da biblioteca *coletiva* na qual todos nós habitamos, organizando nossas relações aos textos e aos outros constituídas de livros que nos marcaram. E a biblioteca virtual que seria “o espaço oral ou escrito, de discussão dos livros com outros. Ela se situa no ponto de encontros das bibliotecas interiores de cada participante da discussão. Não é um espaço real e se parece mais com o do sonho”. (2010, p. 171). Tal espaço a ser ensinado na escola faz com os alunos possa enxergá-lo como seu próprio espaço de experiências de leituras que não se limita apenas a livros literários, mas tudo que cerca o jovem leitor como filmes, adaptação de romances, podcasts, séries de Netflix, séries televisivas, entre outras.

Louichon (2010), acrescenta à expressão biblioteca interior, a palavra, didatizada. Assim, pensar na escola em uma biblioteca interior



didatizada seria pensar em um papel estratégico para se trabalhar com a biblioteca interior na formação do sujeito-leitor. Louichon (2010) elaborando seu conceito de biblioteca interior, faz um levantamento não exaustivo de ocorrências sobre a expressão em questão. O que resulta deste levantamento é que a expressão biblioteca interior existe em cada um de nós, que geralmente, foi a escola quem forneceu as primeiras obras para nós; que ela pode estar distanciada de nossa biblioteca mental; que a biblioteca interior é a reunião de todas as histórias lidas em nossa vida; que o sujeito leitor a utiliza para construir novas associações para as novas leituras que faz; tudo o que nos integra como leitores, tais como, nossas lembranças do lido faz parte da nossa biblioteca neuronal.

Os escritos dos autores e teóricos consultados por Louichon apresentam ainda a biblioteca interior como nossa biblioteca literária e que são ecos e ressonâncias que a fundem; que é o mundo em que habita os escritores tornando-a sinônimo de escrita; é um conjunto de textos que lemos e que utilizamos todas as vezes que construímos um objeto ou argumentos sobre esta ou aquela posição de um determinado assunto ou para ainda resolvermos um problema, e ainda a configuração completa da vida de um sujeito.

Como podemos evidenciar, os conceitos são diversos e podemos relevar que o que eles têm em comum é sem dúvida a presença de uma biblioteca interior manifestando-se de diversas maneiras segundo nossas necessidades. Entendemos que o agir social disso depende. Acrescenta a autora francesa em questão, o pensamento de Pierre Bayard apud



Louichon (2010, p. 179) falando da biblioteca interior que ela é de fato o livro interior. Nesses termos, podemos ler o que segue:

“O livro interior individual está para a obra como o nosso desejo para a leitura, ou seja, na maneira pela qual procuramos e lemos os livros. É uma obra fantasmática em busca do que vive todo leitor, cujos os melhores livros que reencontrará em toda sua vida será apenas fragmentos imperfeitos, incitando-o a continuar a ler” (BAYARD, apud LUICHON, 2010, p. 180).

Assim, a tentativa de conceituar a expressão biblioteca interior apresentada por Louichon inclui igualmente a busca de um conceito significativo e defende, com o resultado de seu levantamento de ocorrências em um *corpus* não exaustivo, a biblioteca interior como “imagem de si face ao outro”. (2010, p. 182). Além disso, para a autora, a biblioteca interior seria de fato “a lembrança de leitura, dos livros lidos pelo leitor, as lembranças biográficas, a memória episódica. (...) Ler, lembrar-se é também ter tido a experiência da incompreensão”. (2010, p. 183). Enfim, seu conceito de biblioteca interior acrescido de se dar atenção à vivência da incompreensão, nos parece totalmente didatizável, ensinável, e por isso, possível na escola. Dito em outras palavras, o mediador de leitura deve levar em conta a experiência da incompreensão do sujeito-leitor quando explicitar sua biblioteca interior tão rica, tão singular e única, mesmo que, ela seja cheia de vazios a serem preenchidos. Por fim, Louichon afirma:



“a missão da escola será então dupla: permitir aos alunos viver experiências de leituras memoráveis (...) se as lembranças de leitura é essencialmente uma lembrança de si lendo, a lembrança da leitura escolar não pode ser outra coisa que uma lembrança de si lendo na escola, na qual a escola, o ensino e o coletivo têm um papel determinante. Mais que isso, é a variedade das situações pedagógicas que permitem o vivido de uma experiência, suscetível de ficar na memória”. (2010, p. 184).

A memória então é constituinte da construção da biblioteca interior. Esta é mais um recurso com o qual o professor/mediador de leitura literária pode trabalhar, adaptando-o ao seu público na escola. Para introduzir elementos que constroem nossa metodologia, lançamos mão de teorias da leitura subjetiva no ensino da literatura com o acolhimento da apropriação do texto pelo leitor para a construção de sua biblioteca interior a fim de confrontá-lo a sua realidade de leitor, como também para descobrir a biblioteca interior do aluno, inspirando-nos da entrevista de explicitação (EE) segundo P. Vermersch (1994), o aluno acima mencionada falou sobre as obras que lhes marcaram e assim descobrimos sua biblioteca interior.

Entendemos por biblioteca interior o espaço psicológico, linguístico e social que compõe todo sujeito-leitor durante sua vida inteira. É visto por nós como um espaço de encontros plurais com a Literatura. É o espaço interior no qual o sujeito-leitor tem voz inscrita em si mesmo. A biblioteca interior é lugar onde mora os segredos da vida literária de um eu fictício que vive ativamente em todos os momentos da vida e que se mistura verdadeiramente com o eu real. É na biblioteca interior que diversas cadeiras, redes, sofás, camas se encontram, onde o leitor pode



sonhar, mudar, viajar, comparar, voltar, ser ele, ser outro e não sofrer preconceitos nem pré-julgamentos na busca do encontro de si mesmo pelo conhecimento do diferente de si-mesmo.

Mas como descobrir a biblioteca interior do sujeito-leitor?

3. Quadro teórico-metodológico

A fim de descobrir a biblioteca interior de Nobody, a presente proposta metodológica se apoia na Entrevista de explicitação (doravante, EE) de Pierre Vermersch (1994) que foi adaptada por nós. Vermersch (1994, p. 17) afirma que o objetivo de uma EE é de “visar a verbalização da ação”. No nosso contexto, ela visa à explicitação das emoções oriundas da leitura de textos literários. Assim, ao propor a EE, como um dispositivo de ensino, o professor deve elaborar perguntas e saber como relançá-las sempre que possível. Vermersch (1994, p. 18) acredita que “a verbalização da ação seja fonte de informação extremamente importante (...) e que comporta grandes partes de implícitos em sua realização”.

O que nós pretendemos com a EE é, justamente, explicitar o que está implícito na memória do sujeito-leitor no tocante as obras que o constituem. Assim, contamos unicamente com as lembranças do que ele leu, pois são as percepções de si mesmo na leitura, um ser composto das memórias literárias que o habita e que o constrói. Falar sobre suas próprias leituras pode valorizar o sujeito-leitor fazendo-o refletir sobre o estágio de aprendizagem de leitura literária ele se encontra. Colomer (2018, p. 95) afirma que:



“a teoria da recepção insistiu em que o texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir desta reação. (...) A leitura pretende estabelecer coerências significativas entre os signos e inclui tanto a modificação das expectativas do leitor, como da informação armazenada em sua memória”. (COLOMER, 2018, p. 95-96).

Então, como conhecer as reações do leitor, como o seu protagonismo na leitura, como as reações do sujeito-leitor podem explicar o texto? Como fazer das memórias que nos habitam, um dispositivo de ensino da leitura de textos literários? Expor nossa volta ao passado afetivo, demonstrar uma leitura como interiorização do outro voltando-se para si?

4. A biblioteca interior de Nobodyⁱ

As lembranças do lido constituem as memórias literárias que compõem a biblioteca interior de qualquer sujeito-leitor, como já mencionamos acima. Importante ressaltar que consideramos que “a mensagem não se transmite do autor para o leitor, mas se constrói (...) que se edifica no processo de sua interação.” (COLOMER, 2018, p. 98). Estamos colocando o sujeito-leitor no coração de sua própria aprendizagem. A biblioteca interior revela o que foi significativo para o leitor. Essa significação só ocorreu porque na construção dos sentidos do texto, o leitor fez pactos de leituras permitindo encontros com o mundo do livro/o mundo o outro, com o seu mundo interior e de seu saber.



Voltamos a lembrar neste texto, a pergunta que desencadeou os registros da memória do garoto: Nobody, quais livros te causam emoções, quais são essas emoções e por quê?

O Quadro 1 apresenta todas as obras que vieram à tona durante os vinte minutos de entrevista. No entanto, por motivo de espaço neste artigo, apenas duas das obras citadas por Nobody serão objetos de análise: *Diário de um Banana* de Kinney e *Os Miseráveis* de Hugo. Apresentaremos assim, uma obra de leitura escolar obrigatória e outra não.

A gravação foi feita em abril de 2019 e ao ouvirmos a mesma em setembro de 2019, sentimos necessidade de retomar com o entrevistado para esclarecimentos de algumas falas de abril de 2019. Nobody, nos concedeu de muito boa vontade esse segundo encontro e ficamos juntos apenas alguns poucos minutinhos para os esclarecimentos. Pedimos para ele escutar o que tinha falado em abril sobre as obras que mais lhe marcaram até aquele presente momento. Dissemos que ele poderia, caso sentisse necessidade, acrescentar algo, recusar algo que foi dito ou mesmo reforçar o que foi dito.

O quadro abaixo apresenta as obras que vieram à tona no momento da entrevista de abril de 2019. Indicamos a fala de retomada de Nobody pelo código (RE). Escrevemos em parênteses, na transcrição da gravação, a intervenção que fizemos durante a entrevista.



Livros que me causam emoção	Emoções sentidas
1. <i>Frenkeistein</i> (escolar)	desgosto, raiva, tédio
2. <i>Diário de uma banana</i> : (não escolar)	frustração
3. <i>Nate</i> (não escolar)	alegria, satisfação
4. <i>Tim-tim</i> (não escolar)	nostalgia
5. <i>Os Miseráveis</i> (escolar)	Tristeza, raiva, revolta
6. <i>A menina e o elefante</i> (escolar)	liberdade

Fonte: a autora

Seis obras vieram espontaneamente à tona na mente do sujeito-leitor. Seis obras foram por ele selecionadas. Elas compõem sua biblioteca interior datada em abril de 2019. Vale ressaltar que das seis, três são escolares e três não.

Pela nomeação das emoções atreladas a cada obra lida, temos: desgosto, raiva, tédio em *Frankenstein*; frustração em *Diário de um Banana*; alegria, satisfação em *Nate*; nostalgia em *Tim-Tim*; tristeza, raiva, revolta com *Os Miseráveis* e liberdade em *A Menina e o elefante*.

A primeira obra em análise faz parte da coleção *Diário de um Banana* escrito por Jeff Kinney - Um romance em quadrinhos Best-seller do New York Times traduzido e publicado pela editora V&R. Nobody possui doze livros que foram lidos por ele. O episódio que foi objeto de análise pode ser encontrado no volume 6 intitulado *Diário de um Banana – Casa dos horrores*, p. 6-7, 2012. Nobody diz que sentiu *frustração* ao lê-lo porque:

“todos os personagens que compõem a obra, provavelmente tem uma queda de QI (risos), toda vez





que eles vão... que eles acordam, (ah, é?). Se eles têm 100 de QI quando eles estão dormindo, ao acordarem-se, eles têm 50. É sério. (Meu Deus!). Os pais do... do protagonista são muito (hesita... e nos olha com respeito e diz) idiotas. (rimos). Deixam uma criancinha causar o terror e ainda protegem o mesmo. O protagonista, o próprio banana (é um banana), ele tem 12 anos e acredita no papai Noel como se fosse uma verdade absoluta”. (risos. É frustrante mesmo, né?). Nobody continua: “Em um episódio, a mãe traz um... uma pelúcia de um elfo... (eita) do papai noel (eita). A mãe do personagem fala o seguinte: se você não se comportar na presença desse elfo, ele vai falar para o papai noel e você não vai ganhar presente (oh!... risos). Por causa disso, o episódio inteiro é ele tentando se comportar bem durante os últimos meses do ano que é onde normalmente, (pausa) faz tudo errado. (hum...). Dá uma frustração tão grande, vê uma criança tão crescida fazendo essas coisas, é algo, é algo muito chato”.

Como podemos entender, as emoções que vieram à tona, guardadas nas lembranças-telas de Nobody, são relativas a de um episódio. Na retomada da entrevista (RE) de *Diário de uma banana*, em setembro de 2019, o jovem leitor toma consciência que falou de um episódio em particular da coleção em questão e afirma o que segue: “o que me despertou a vontade de falar sobre esse episódio é por que não tem como se identificar com o personagem por causa da falta de inteligência dele. É muito frustrante isso”.

A emoção que predomina o jovem leitor na leitura desse episódio é a frustração. Há notadamente, falta de identificação com o personagem, segundo ele, com pouca inteligência. No entanto, Nobody leu todos os doze livros que tem na estante de sua casa e a frustração não o impediu de





lê-lo completamente... Uma pergunta nos vem à mente: o que leva então a criança a ler tudo até o fim, mesmo se frustrando? Perguntamos para ele, porque ele o leu até o fim, já que o livro o frustrou, e ele responde: “eu estava entediado, não tinha nada para fazer”. E nos aconselha, em se tratando da coleção do *Diário de um Banana*: “Se não tens paciência com a falta de inteligência dos outros não leia essa coleção. Todos os personagens principais são burrinhos, mas isso é fruto da educação dos pais dele que o tratam como um... feto. E além disso, eu o li porque amiguinhos me recomendaram”.

O outro livro evocado na entrevista foi o livro escolar *Os Miseráveis* de Victor Hugo lido em tradução e adaptação de Walcyrr Carrasco. 2ª Edição, São Paulo: Editora Moderna, 2012. Sobre *Les Misérables* de Victor Hugo, Nobodyⁱⁱ fala o que segue:

“O *Les Misérables*... ele me traz um pouco de tristeza, porque... (Cosette? Não. Jean-Valjean?)... É. A história dos personagens em si é muito triste. Cosette é a que se sai melhor. Porém, a mãe da mesma, cujo nome esqueci, se dá muito mal, ela tem que se prostituir, vende os dentes (c’est Fantine). Fantine, ele vende os dentes, tem que se prostituir, vende o cabelo é algo deprimente, além de outras coisas. Aquele... universo também é muito injusto, aquele universo que retrata a vida do... da população (francesa daquela época, né?) exato. É... Eu sinto tristeza, eu sinto... (silêncio prolongado e desse modo entrevistamos para relançar a entrevista. E dissemos piedade, talvez da imbecilidade humana?). Nobody retoma: - “piedade, raiva dos... raiva muita raiva, sim, sim do casal Tenardier. (hum... exploradores). Aquela espécie de humano... não é mais humano, aquilo já é um tipo de demônio, (hum) é sério. (sim...). Eles só fazem coisa do mal, eles... colocam o





bem-estar acima de tudo que existe, (o bem-estar deles, né), hum... o bem-estar deles acima de tudo que existe (em detrimento do outro), além, exato... e eles também prejudicam as pessoas quase de propósito. Eles atacaram Jean Valjean pra pegar dinheiro, o que não foi a coisa mais malvada que eles fizeram (Meu Deus!). Eles também exploravam Fantine, dizendo que Cosette, ela tava doente e precisava de mais comida pra ser bem cuidada. Fantine, ela fazia de tudo para arrumar mais dinheiro e mesmo assim Cosette tava sendo maltratada, passando fome, e sendo empregada doméstica deles, além de ser obrigada de fazer coisas que só adultos fariam, tipo, carregar um balde de água gigante. (Absurdo né?) Realmente, é... revoltante.” Na retomada da entrevista (RE), *Os Miseráveis* tiveram direito ao silêncio. Nobody, afirma: “Nada a acrescentar”.

As obras literárias apropriadas por Nobody, a saber, *Diário de um Banana* (não escolar) e *Os Miseráveis* (escolar) expõem e de modo claro as emoções guardadas nas lembranças-telas de Nobody. Para *Diário de um Banana* temos um episódio em particular que foi bem significativo para o jovem leitor. Pela frustração, Nobody despertou reflexões sobre a falta de limites do personagem vítima de uma educação paterna e materna falida porque sem limites, segundo Nobody. A conscientização de sua frustração favorece o desenvolvimento do pensamento crítico em formação do jovem leitor.

Quanto à obra *Os Miseráveis* nos parece que Nobody fala sobre a obra em geral, mesmo elegendo partes mais significativas com algumas passagens da obra envolvendo diversos personagens sobretudo pelo fio condutor da maldade do casal Tenardier. Parece-nos então que a obra clássica, mesmo traduzida e adaptada, apresenta um desdobramento maior





do sujeito-leitor lendo. Ele teve condições cognitivas e emocionais de elaborar mais claramente seus sentimentos, o que pode através da linguagem, estruturar melhor seu pensamento e exercitar opiniões críticas pontuais. Assim a tristeza, a raiva e a revolta foram as emoções sentidas que indicam para nós mediadores de leitura as marcas atreladas às representações das leituras dessa obra que forma, indubitavelmente a BI do jovem leitor.

5. Considerações Finais

O acolhimento na sala de aula da biblioteca interior do sujeito-leitor pode ser uma introdução da tomada de consciência do aluno na literatura, e de um modo positivo. Pensamos que o acolhimento das emoções na sala de aula é didatizável, ou seja, ela pode ser ensinada porque é um meio que além de contribuir para novos gestos profissionais no tocante ao ensino da leitura literária, pode inovar os processos de ensino-aprendizagem em Literatura.

Reafirmamos que um trabalho com o que fica em nossa memória após a leitura, é o que estrutura e ajuda na construção da personalidade do jovem leitor. Ter conhecimento da biblioteca interior do aluno pode servir para nos fazer entender que as emoções sentidas estão presentes neles e que não podem ser dissociadas nas práticas contemporâneas de leitura literária. É uma apropriação criativa do sujeito-leitor que poderá ser institucionalizada, pois o sujeito-leitor reúne, escolhe, descarta os elementos que julga essenciais para patentear a leitura como habitação e



interiorização, como liberdade e preenchimento pelo acolhimento das emoções sentidas.

Nobody demonstrou que o que ficou na lembrança-tela dele das obras lidas, não foi essencialmente a parte formal do texto, em nenhum momento ele fala da estrutura narrativa, mas das emoções que sentiu durante a leitura. Na RE, ele não rejeitou nenhuma das emoções explicitadas na entrevista de abril de 2019. Em setembro de 2019, passado seis meses, Nobody guarda as mesmas emoções sobre as passagens das quais se apropriou.

À pergunta norteadora, a saber, quais posicionamentos subjetivos podemos solicitar dos alunos na sala de aula convenientes com uma tomada de consciência das emoções que circundam seu processo de apropriação?, podemos dizer que a confrontação com o lido e o falar sobre o lido são meios para desenvolver a riqueza de sua biblioteca interior.

Quantos os posicionamentos subjetivos para se adotar na sala de aula, pensamos que uma pergunta aberta sobre o que mais tocou o jovem leitor na leitura de obras literárias pode ajudar na construção de mudanças de paradigmas porque visamos ao acolhimento das repercussões da leitura literária feita pelo aluno. Apoiando nos caminhos da Entrevista de Explicitação, o jovem leitor e o professor têm uma tomada de consciência do que é constitutivo da biblioteca interior. Eles compreendem ambos que a BI não é fixa, ao contrário, ela está em construção como o próprio sujeito-leitor em formação, além de ampliar dispositivos de ensino para desenvolver as estratégias socioemocionais do aluno.



Por fim, na RE, perguntamos se Nobody acrescentaria mais alguma obra à lista e ele respondeu: “Com certeza! *Breves respostas para grandes questões* de Stephen Hawking, notadamente o capítulo 1 – *Deus existe?* que já o devorei completamente!”

Encerramos este artigo, com a seguinte pergunta: como será que se apresenta atualmente a biblioteca interior de Nobody, no tocante ao seu universo de adolescente incluindo filmes, adaptações, games entre outros?

Referências

COLOMER. T. **A Formação do Leitor Literário**. (Trad.) Laura Sandroni. 4ª edição, São Paulo: Editora Global, 2018.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte da memória. In: ARCHARD et al. **Papel da Memória**. (Trad.) José Horta Nunes, 4a edição. São Paulo: Pontes, 2015, p. 21-30.

FOURTANIER, M-J. Entre corpus légitimes et lectures buissonnières, la formation du sujet lecteur. In : LOUICHON, B. e ROUXEL, A. (Org.). **Du corpus scolaire à la bibliothèque intérieure**. Rennes: PUR, 2010, p. 167-176.

HUGO, V. **Os Miseráveis**. (Tradução e adaptação) Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna, 2012.

IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer**. Acesso em 17 de setembro de 2019
<https://www.youtube.com/watch?v=USsxEOgYhAE>





JOUVE, V. A significação artística. In: **Por que estudar literatura?** (Trad.) Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012, p. 81-112.

KINNEY, J. **Diário de um Banana** – Casa dos Horrores. Volume 6, Editora V&R, 2012.

LOUICHON, B. Les rayons imaginaires de nos bibliothèques intérieures. In : LOUICHON, B. e ROUXEL, A. (Org.). **Du corpus scolaire à la bibliothèque intérieure**. Rennes : PUR, 2010, p.177- 185.

SHAWKY-MILCENT, B. **La lecture, ça ne sert à rien !** – Usages de la littérature au lycée et partout ailleurs... - Prix Le Monde de la recherche universitaire. Paris: PUF, 2016.

VERMSERSCH, P. **Entretien d'explicitation**. Paris: PUF, 1994.

XYPAS, R. **A leitura subjetiva no ensino da Literatura** – Apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. Olinda: Nova Olinda, 2018.

ⁱ Falando sobre a entrevista em si, ela foi feita com o consentimento dos pais de Nobody na varanda da casa do garoto em uma tarde ensolarada de verão na cidade de Recife e na frente da mãe dele. A entrevista durou cerca de meia hora apenas. Tivemos como suporte eletrônico, o gravador do nosso telefone, mas também do próprio telefone de Nobody. A entrevista foi feita em abril de 2019. Ao ouvi-la novamente, com o intuito de publicar este artigo, sentimos necessidade de retomarmos pontualmente o que nos careceu esclarecimento. Retomamos contato com Nobody em 17 de setembro de 2019, e ele espontaneamente nos respondeu que voluntariamente ouviria a entrevista, que tinha sido para ele no mínimo curiosa porque antes ninguém lhe tivera feito perguntas parecidas, para esclarecer-nos os pontos necessários.

ⁱⁱ Nobody é bilingue. Franco-brasileiro. Ele lê tanto em português quanto em francês.